

PREFÁCIO¹

FOREWORD

Deny Gomes*

Escolher a poesia como ofício e praticá-la com paixão e lucidez é viver um ininterrupto processo de gozo e suplício. Consciente desta dicotomia que faz do poeta um ser em permanente oscilação entre o êxtase e o desespero, Valdo Motta publica este **Salário da loucura**.

Conhecer o percurso social e poético deste capixaba através de seus poemas é infinitamente mais importante do que obter informações biográficas e avaliações críticas num prefácio ou em qualquer outro lugar. Mas há certas coisas que é necessário dizer, não num preito de admiração ao jovem vate mateense, como sói acontecer em veneráveis e apologéticos estudos, prefácios e orelhas de algumas obras de nossa ainda tão paroquial literatura; há coisas que é preciso dizer, sem usar os recursos da dissertação teórica avançadinha que, muitas vezes, cheia de modismos “liberais e progressistas” escamoteia preconceitos e/ou falta de honestidade intelectual e humana. É necessário dizer, aqui algumas coisas, apesar de os poemas de Valdo Motta dispensarem adendos, e quero dizê-

¹ GOMES, Deny. Prefácio. In: MOTTA, Valdo. *Salário da loucura: poesia*. São Mateus: Tipografia Santos, 1984. p. 7-10.

Esse texto foi republicado em 1987: GOMES, Deny. Prefácio. In: MOTTA, Valdo. *Eis o homem: poemas selecionados (1980/84)*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1987. (Coleção Letras Capixabas, n. 30). p. 99-103.

* Professora titular aposentada de Teoria da Literatura da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

las com o meu sentir, com minha cabeça, com minha perplexidade e respeito pelo jeito de ser e pela atividade artística do autor deste livro.

O projeto de vida e o projeto poético de Valdo Motta são uma coisa só: o enfrentamento de contradições capazes de espantar qualquer experimentado estudioso de literatura ou ciências sociais, qualquer leitor sensível, seja qual for sua carteirinha ideológica ou sua honestíssima isenção crítico-científica.

Nascido e criado numa minoria racial, social e cultural, Valdo conseguiu passar no vestibular de uma universidade federal, mas teve de interromper o curso por absoluta falta de recursos para permanecer em Vitória. Voltou para o Pé-Sujo, favela de São Mateus, e está desempregado. É um voraz leitor, principalmente de poesia; faz a poesia que vocês vão ler; batalha a edição independente de seus livros e sobrevive da venda deles. Vende-os na rua, nos bares, em pontos de ônibus, nos semáforos, tal como inúmeros poetas ditos marginais ou alternativos. É, entre outras coisas, tímido, sutil, fechativo, inteligente, terno, arrogante, escrachado, desafiador, o que levou alguns dos novos escritores capixabas o chamarem “o poeta indomável”.

A realização poética de sua existência se faz numa linguagem que é deliberadamente a expressão de suas contradições sociais: ora formal, quase clássica, dentro dos parâmetros da norma culta; ora brutalmente grosseira, cheia de neologismos pessoais ou de expressões codificadas no meio dos homossexuais, das prostitutas, dos pés-de-chola com quem convive, a quem ama, entende e respeita.

O mesmo acontece com a estrutura formal externa: poemas em versos livres e brancos; sonetos metrificados e rimados; poemas-minuto; textos experimentais de exploração de recursos gráficos e sonoros; poemas longos, metrificados e rimados com efeitos inesperados resultantes da ressemantização de procedimentos formais sacralizados pela convenção quando são apropriados e integrados (“carnavalescamente”, diria o teórico da intertextualidade) numa dicção deliciosa, pessoal, libertada.

A temática trabalhada no projeto de expressão desse “estar no mundo / com tudo o que esse estar implica” (Cf. **O signo na pele**) é a tessitura de fios que se cruzam e se apartam, com nós à mostra, pontos fora de risco, execução de um caprichoso bordado de palavras, idéias e emoções onde se entremeiam a vida e a arte, o real elaborado pelo imaginário. É o mundo que se faz linguagem e nele a palavra poética e o existir são uma só e única coisa.

Esta fusão indissolúvel entre poesia e existência é tema explícito em alguns poemas que deste convívio tanto pode resultar num saldo amargo e irônico – “pedraria inútil/ que me atiram/ os rapapés e o azedume/ que os meus olhos destilam” (Retrospectiva), quanto na certeza arrogante de que o aval da poesia, “crachá que trago/ na lapela de meu lado mais escroto”, fará bater em retirada, “rabinho entre as pernas”, os habitantes do “reino de alimárias”, os cães salientes que rilham os dentes querendo a cabeça do poeta (Habeas corpus).

O amor, em suas inúmeras variantes, é tema do projeto vida / poesia de Valdo Motta, sendo estruturado de acordo com a proposta estética e humana de cada texto. O “amor por todo mundo”, causa de dor, decepção e obstinada esperança (Cristo baixo); o amor dos corpos, faminto, que não ousa superar a “muralha do medo” (Confronto); o amor que causa o dilaceramento pela rejeição do ser amado, mas se alimenta de sua própria carência e fracasso (A vez da caça); o amor filial (Pensando em casa); o amor pela amiga sacrificada (Por uma cedilha), enfim, algumas faces do sentimento amoroso se mostram na criação do universo poético do **Salário da loucura**. Há, entretanto, que destacar o tema do amor homossexual, pela complexidade, tensão e diversidade de linguagem, técnicas e intenções que o inserem no livro.

O amor homossexual é criado em poemas que fascinam pela sensibilidade extrema, pelo escracho mais desbundado, pelos agudos contrastes que os permeiam. As imagens que o expressam são originais e refinadas (Tântalo); plenas de dor e desespero (Cabeça-de-jegue); safadas, cheias de humor, concretizadas no baixo-calão que se falava mas não se escrevia – e quanta

coragem e ousadia foi preciso ter para dar este salto por cima do moralismo conservador da poesia bem comportada – (Rosbife e bofe).

Nessa diversidade de tratamentos do tema, a abordagem franca e escrachada do erotismo homossexual não é, certamente, a linha de força mais significativa dos poemas amorosos de Valdo, embora seja, talvez, a que mais espante e cause indignação naqueles que se recusam a aceitar a verdade e a força do novo tipo de expressão da liberdade do indivíduo e do poeta. Ele bem sabe da validade estética, social e política do tema, mas percebe também que o “uso do sexo para épater le bourgeois, para chocar, para mostrar ressentimento ou para desafiar o mundo, não basta para manter o interesse por mais de dez minutos. Não basta como programa capaz de levar o amor além da morte ou capaz de salvar a Indochina. Ou de resolver-se num coito passivo. Há que ter mais que isso, e oferecer mais. Estabelecer efetivo contato com as pessoas e com os problemas das pessoas também”. (Allen Ginsberg, em entrevista a Allen Young, publicada em **Sexualidade & Criação Literária**. As entrevistas do Gay Sunshine. Civilização Brasileira, 1980, p. 109). Sendo assim, a vivência homossexual não é apenas amorosa, escrachada ou não.

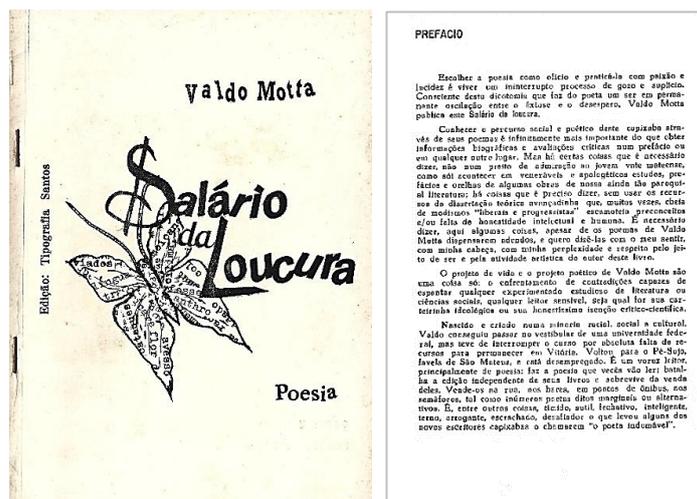
A visão crítica, o humor amargo de quem participa da minoria discriminada mas que não a erige como detentora do monopólio do sofrimento humano nem a sacraliza como agrupamento corporativista intocável (atitude de certos militantes equivocados da gay liberation séria e triste), os posicionamentos colocados nos poemas da série “Wonderful gay world ou Vidinha de viado” me parecem muito relevantes e decisivos para a conscientização de que a homossexualidade, antes de ser um assunto do campo da psicologia e da medicina, é muito mais um componente do campo de estudo da cultura e da política, conforme dizem lucidamente Peter Fry e Edward MacRae, em **O que é homossexualidade** (Brasiliense, 1983, p. 10).

A crítica das relações sociais injustas, o repúdio ao arbítrio, à violência policialesca, à degradação do ser humano pela miséria, assim como a esperança

de uma transformação deste quadro social, apresentada sem fanatismo ideológico nem panfletarismo populista, são outros integrantes do projeto poético existencial de Valdo Motta.

Também as relações do homem com Deus, a inevitabilidade da morte e a coragem de enfrenta-la sem medo, o sentimento da precariedade da vida, a visão do cotidiano feito, às vezes, de puro tédio e, outras, de resistência ao inumano e podre mundo que temos de enfrentar, tudo isto completa o tecido das contradições de que se alimenta o trabalho que vocês vão ler.

Armado com a arma exótica da poesia, fação louco brandido contra o imprestável dos homens, na tentativa de reaver o usurpado direito de estar dignamente no mundo (Cf. **O signo na pele**); sem soluções para seus conflitos mas não abrindo mão de suas "roupas esdrúxulas/ fitinhas, lenços, flâmulas de mim", lutando à sua maneira; argila indócil e insubmissa, ser arisco que vive a "esperança/ de um novo tempo,/ conquista urgente" (Cf. **As peripécias do coração**), Valdo Motta, confronto estranho e contundente de teses e antíteses que só se superam na síntese mágica da poesia, fala agora:



Capa de *Salário da loucura*, de Valdo Motta, e página inicial do prefácio de Deny Gomes.